

A EDUCAÇÃO PARA A PAZ SEGUNDO OS DOCUMENTOS DA UNESCO¹

Raphael Alves Feitosa

Viviane Alves de Oliveira Feitosa

Introdução

Nos últimos anos, várias pesquisas apontam que a situação da violência nas escolas vem se agravando (JARES, 2007; SPOSITO, 2001; UNESCO, 2005). Diante desse quadro crescente, é urgente o desenvolvimento de ações que visem o fim da violência urbana e busquem uma cultura de paz, baseada na compreensão mútua, no respeito à diversidade e na equidade socioambiental.

Entre os processos para a promoção da paz está a resignificação de inúmeras crenças e valores historicamente construídos. A necessidade dessa resignificação remete às estratégias de transformação cultural e à gênese dos processos que conduzem às ações violentas. No intuito de realizar um trabalho transformador, estas estratégias passam pela formulação de propostas que atuam no campo cultural e, em especial, do desenvolvimento de uma educação que vise à formação de valores éticos e morais para os seres humanos.

Para enfatizar a importância de tal mudança em prol da paz, em 20 de novembro de 1997, as Nações Unidas proclamaram o ano 2000 como o Ano Internacional da Cultura de Paz, marcando o início de uma mobilização mundial e de uma aliança global de movimentos existentes, para juntos transformarem os princípios norteadores da cultura de paz em ações concretas. Em 10 de novembro de 1998, por meio de nova re-

¹ Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO)

solução, as Nações Unidas proclamaram a década 2001-2010, como a Década Internacional da Promoção da Cultura de Paz e Não Violência em Benefício das Crianças do Mundo a fim de “reforçar o movimento global formado e apontando a UNESCO como agência líder para a Década, responsável por coordenar as atividades do sistema ONU e de outras organizações.” (UNESCO, 2010, p.10).

Assim, o objetivo geral deste texto é analisar de que maneira a UNESCO, como um dos principais organismos internacionais voltados à educação e a cultura, lida com a questão da educação para a paz. Para tanto, realizamos uma pesquisa de caráter documental (SILVERMAN, 2009), elaborada através de uma análise crítica das principais publicações da UNESCO nos últimos anos (2005; 2008; 2008a; 2010; 2011). Tal escolha se deveu ao fato de que existe uma proliferação de documentos referentes à reforma educacional implementada pela UNESCO nas últimas décadas, que vem mobilizando pesquisadores das diferentes subáreas da educação a se debruçarem sobre o tema, com o intuito de compreender tanto o conteúdo da reforma quanto os mecanismos envolvidos na difusão da mesma (JARES, 2007; SILVA, 2003).

Isso se deve ao fato de que os documentos publicados pela UNESCO se relacionam com as políticas públicas e de educação em diversos países. Os governos estabelecem metas seguindo as orientações da Organização das Nações Unidas (ONU). A ONU cria, por sua vez, um organismo específico para tratar das questões da educação em geral e da educação para a paz em particular — a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) (SILVA, 2007).

Para os estudos relacionados à educação para a paz a criação da UNESCO, ou a intervenção dos governos de forma muito mais intensa que antes na promoção da paz internacional por meio da educação, representa basicamente a visão de que a paz não depende somente de acordos políticos e nem pode ser alcançada unicamente a partir da iniciativa dos educadores. Considerando esse caráter educativo e de poder da UNESCO, acreditamos ser relevante estudar os documentos publicados por esse órgão internacional que se relacionam com a criação de um ambiente de paz. Nas páginas seguintes, iremos apresentar os resultados da nossa análise acerca da temática mencionada.

Analisando os Documentos da UNESCO

De início, é relevante discorrer sobre os princípios que regem a cultura de paz pregada pelo referido organismo internacional. Na busca e na disseminação da paz, a UNESCO parte do seguinte princípio:

[...] a violência persiste com uma nova face. Apesar de as formas tradicionais de conflito e guerra terem diminuído, os orçamentos para segurança da maioria dos países permanecem elevados, especialmente para o desenvolvimento de armamentos inteligentes de alta tecnologia, enquanto os orçamentos destinados a políticas e programas de desenvolvimento social são constantemente reduzidos. (UNESCO, 2010, p.11).

Diante dessa conotação, o órgão para educação e cultura afirma taxativamente que existe uma cultura de guerra em muitos países do mundo, em especial aqueles que notadamente apresentam um elevado orçamento militar. No entanto, a UNESCO não critica diretamente as “nações amigas”, como

os Estados Unidos da América. Esse país possui um gasto militar *per capita* de 1.217 dólares, em 2003, contrastando com 46 dólares para ajuda externa, dos quais apenas 23% para os mais necessitados (BUSS, 2007).

No documento datado de 2011, a UNESCO dissemina a ideia de que a paz é uma condição essencial para a construção de uma nova ordem mundial, baseada na justiça, dignidade social, e numa maior liberdade para os povos. Em tal publicação, a trata da temática das crianças afetadas por conflitos armados.

Segundo os dados obtidos por esse organismo internacional, a situação dessas crianças é devastadora. Não é de se estranhar que os níveis de educação dos países afetados por conflitos armados sejam os mais baixos do mundo. Milhões de crianças estão sendo privadas de chances de estudar nas escolas, o que poderia transformar suas vidas. Tal situação tem sido negligenciada pelos estados por muito tempo.

E a educação, segundo a UNESCO, faz parte desse círculo vicioso de violência:

Governos e nações de toda a comunidade internacional têm de reconhecer que a educação pode reforçar as queixas que alimentam conflitos armados. Conhecimento é o primeiro passo em direção a uma educação que seja o centro de uma agenda de construção da paz concreta. (UNESCO, 2011, p.132, tradução nossa).

Seguindo o mencionado documento, a instituição internacional acredita que estamos passando por um inaceitável estado de violência e guerra. Assim, devemos nos mobilizar em favor da paz, a qual deve tornar-se realidade cotidiana para todos os seres humanos.

Desta feita, o referido organismo investe em uma cultura de paz, vista como “a âncora dessa busca é a educação

como um direito intimamente relacionado com a conquista da paz.” (UNESCO, 2010, p.12). Para o órgão, é também por intermédio da educação que se formam mentalidades mais democráticas. A educação voltada para a cultura de paz inclui a promoção da compreensão, da tolerância, da solidariedade e do respeito às identidades nacionais, raciais, religiosas, por gênero e geração, entre outras, enfatizando a importância da diversidade cultural.

Partindo dessa visão multicultural, a UNESCO e seus parceiros compreendem que a paz tem de ser construída, dia a dia, nos pequenos atos, de onde germinam as grandes transformações. Paz é para ser realizada, não só idealizada. Paz se faz, não é dada, e sim, deve ser trabalhada com ações concretas (UNESCO, 2008).

Como está explícito em outra publicação do referido órgão internacional, em parceria com a Fundação Vale², a educação para a criação de uma cultura de paz é um:

[...] processo pelo qual se promovem conhecimentos, habilidades, atitudes e valores necessários para induzir mudanças de comportamento que possibilitam às crianças, aos jovens e aos adultos a prevenir a violência (tanto em sua manifestação direta, como em sua forma estrutural); resolver conflitos de forma pacífica e criar condições que conduzam à paz (na sua dimensão intrapessoal; interpessoal; ambiental; intergrupar; nacional e/ou internacional). (UNESCO, 2008a, p.19).

De acordo com essa definição, percebemos que a educação para a paz é tratada pela UNESCO como sendo um processo que dura toda nossa vida, permeando todas as idades.

² Essa Fundação atua através da Parceria Social Público-Privada (PSPP), contando com financiamento do governo do Brasil, e da companhia de minérios Vale. Essa última é uma empresa criada pelo Estado brasileiro em 1942 e privatizada em 1997 (RIBEIRO-JÚNIOR, 2011).

Assim, seu campo de atuação é particularmente complexo e multifacetado.

Desse modo, tal educação vai muito além de acontecer apenas nas escolas; ela deve estar presente em nosso cotidiano, nos meios de comunicação, nas relações pessoais, na organização das instituições, na família. Portanto, os documentos revelam que os especialistas da UNESCO afirmam que educar para a paz é uma aventura que vai além da simples transferência de conhecimentos. Significa empreender uma linda jornada pelo mundo exterior e interior. Uma viagem repleta de desafios e de muitas e belas paisagens.

Para a UNESCO, a paz não é meramente ausência de guerra. Por assim entender, promove esforços em favor da paz e tem se caracterizado fundamentalmente por uma incessante luta pela democratização dos conhecimentos produzidos pela humanidade. Essa conotação se aproxima do que Jares (2007) chama de uma visão positiva da paz, isto é, quando a paz é vista como um processo contínuo e não apenas como a falta de violência e conflitos.

Em outro documento (UNESCO, 2010), temos a formalização da conexão entre paz e ambiente. Para a UNESCO, substituir a secular cultura de guerra por uma cultura de paz requer um esforço educativo prolongado para modificar as reações à adversidade e construir um modelo de desenvolvimento que possa suprimir as causas de conflito. No campo da economia “é preciso passar da economia competitiva de mercado para um modelo de desenvolvimento mútuo e sustentável, sem o qual é impossível alcançar uma paz duradoura.” (UNESCO, 2010, p.14).

Em todo esse processo, cabe aos cidadãos organizar-se e assumir sua parcela de responsabilidade participando intei-

ramente no desenvolvimento das sociedades; aos países cabe a cooperação multilateral; às organizações internacionais, a coordenação de suas diferentes ações. Nesse sentido, a UNESCO admite que para alcançar a tão sonhada cultura de paz é necessário que exista cooperação em todos os níveis e países e coordenação entre as organizações internacionais com competência e recursos indispensáveis que podem contribuir com os indivíduos a ajudarem a si mesmos.

No que tange ao Brasil, a UNESCO desenvolveu inúmeras ações, cujos projetos no âmbito do programa Cultura de Paz são apoiados pelo setor de Ciências Humanas e Sociais da UNESCO no Brasil, o qual procura mapear e valorizar talentos locais e empoderar os jovens. A ideia é “torná-los protagonistas de suas próprias vidas, de seu futuro e ajudá-los a perceber que eles têm potencial e um papel primordial nas suas comunidades.” (UNESCO, 2010, p.16).

No Brasil, um dos grandes parceiros da UNESCO é o programa Criança Esperança³. É um programa inovador, o qual promove a cooperação de múltiplos atores da sociedade brasileira: organizações não governamentais, a iniciativa privada e um organismo internacional trabalham juntos, construindo mais do que uma relação de parceria, uma aliança estratégica. Segundo a publicação em questão, essa parceria um “exemplo como este precisa e deve ser disseminado não apenas no Brasil, mas também em outros países” (UNESCO, 2010, p.19), uma vez que os espaços onde o programa é efetivo “são “ilhas de paz” onde é possível concretizar os princípios da cultura de paz, em regiões marcadas pela exclusão social e violência urbana.” (UNESCO, 2010, p.20).

³ Esse projeto é encabeçado pela Rede Globo, uma rede de televisão brasileira, fundada em 26 de abril de 1965 (HEIZ, 1987).

No estado do Ceará, destacamos a atuação de dois desses programas da UNESCO: a EDISCA e a CUFA (UNESCO, 2010). A primeira é a Escola de Dança e Integração Social para a Criança e o Adolescente (EDISCA), sediada em Fortaleza. Esse programa trabalha o desenvolvimento humano de jovens carentes, atuando em três dimensões: a primeira, no atendimento direto aos educandos e seus familiares nas áreas de educação, arte, formação profissional, nutrição e saúde; a segunda, na pesquisa, produção e sistematização do conhecimento gerado a partir da observação de sua prática; e a terceira, na disseminação de uma tecnologia educacional, estimulando e estruturando outras organizações que compartilham dos mesmos princípios. Por sua vez, a Central Única das Favelas (CUFA) nasceu de reuniões de jovens de favelas cariocas no ano de 1998. Seus integrantes eram participantes do movimento *hip hop*⁴, presidentes de associações de moradores, lideranças comunitárias, artistas e trabalhadores, em geral, negros. Seus adeptos buscavam espaço para expressar seu estilo de vida. A CUFA trabalha como um polo de produção cultural e de formação de jovens, oferecendo perspectivas de inclusão social, tais como, atividades nas áreas da educação, lazer, esportes, cultura e cidadania (UNESCO, 2010). No estado do Ceará a CUFA atua em diversos locais da periferia das cidades de Fortaleza, Sobral e Juazeiro do Norte.

Algumas Contradições Contidas nos Documentos

Após a apresentação dos dados obtidos com a pesquisa documental acerca da visão da UNESCO sobre a construção

⁴ O hip-hop é uma cultura artística que se iniciou durante a década de 1970 nas áreas centrais de comunidades de Emigrantes nos Estados Unidos da América. Seu criador reconhecido é Afrika Bambaataa, o qual estabeleceu quatro pilares essenciais na cultura hip-hop: o rap, o DJ, a dança *break* e o grafite.

de uma cultura de paz, exposta nos parágrafos anteriores, iremos ressaltar três aspectos contraditórios apresentados pelas publicações do referido organismo internacional, a saber: globalização e multiculturalismo; desenvolvimento sustentável; parceria com as grandes empresas capitalistas.

Como vimos, a UNESCO prega a chamada abordagem multiculturalista da educação (UNESCO, 2008; 2008a; 2010). Para os defensores do multiculturalismo, as diferenças entre culturas que habitam um mesmo território devem ser respeitadas e encorajadas, para que possa haver uma coexistência harmoniosa (JARES, 2007).

No entanto, somos constantemente bombardeados por propagandas e notícias na grande mídia que indicam que passamos por um período de globalização. Na verdade, essas informações acabam por naturalizar a cultura capitalista eurocêntrica dominante, a qual é vista como a única via possível, excluindo-se, assim, as demais culturas e visões de mundo. A chamada globalização oculta um movimento mais amplo de busca por uma homogeneidade cultural, que facilite os canais de consumo no mercado mundial, promovendo, assim, o aumento global no consumo (FEITOSA; FEITOSA, 2011).

Assim, temos uma primeira contradição no discurso empregado pela UNESCO: *se a mundialização do capital internacional prega a homogeneização da cultura, a formação de um padrão aceito como verdade única, como podemos falar de multiculturalidade?*

Na verdade, acreditamos na impossibilidade de manter essa contradição. Isso, pois, para falar de respeito às culturas, é necessário, antes de qualquer coisa, mudar as condições materiais de vida dos povos oprimidos. Qualidade essa que não é

compatível com o atual modelo de desenvolvimento capitalista de mundialização do capital.

Outro ponto digno de referencia é a exacerbação, pela UNESCO, de uma perspectiva de educação ambiental (EA) vinculada ao chamado desenvolvimento sustentável. Assim, indagamos: *é possível falar de desenvolvimento sustentável no capitalismo?* Numa perspectiva crítica, acreditamos que isso não é possível, pois esse sistema de produção funciona com os ideais de uma sociedade que responde as competições entre bancos/empresas/indústrias/tecnologias/ciências, e no qual a palavra “crescimento” exprime a ideia de que é necessário ter mais consumo, e conseqüentemente, precisa de mais recursos naturais e humanos, intensificando a exploração da natureza e dos próprios seres humanos. Esse sistema funciona através da privatização dos lucros e da socialização das mazelas socioambientais (FEITOSA; FEITOSA, 2011).

Destarte, as grandes corporações estão se impondo, expandindo suas fronteiras, através da mundialização do capital, no qual vêm planejando seu crescimento e se tornando ainda maiores. A publicidade veiculada pelas corporações continuará estimulando o fetichismo da mercadoria, impondo o consumo, e recentemente, elas incorporaram o discurso do “desenvolvimento sustentável” como uma forma de ofuscar nossa visão e ampliar ainda mais seus lucros através do “capitalismo verde”.

Para finalizar, nossa análise crítica, é necessário fazer uma última indagação: *por que os projetos da UNESCO que se relacionam a nossa temática de interesse, são apresentados junto de empresas de índole duvidosa?* Por exemplo, o projeto Criança Esperança é um convênio com a Rede Globo de Televisão. Essa empresa de comunicação sofreu um crescimento abrupto no período de repressão do governo militar

brasileiro (1964-1984). Na época a Rede Globo foi uma das poucas redes de televisão que receberam concessão pública para atuar em canal aberto no Brasil. Por trás dessa concessão, esconde-se o comprometimento da emissora com os interesses dos “coronéis” que dominam o país. A amizade entre Antônio Carlos Magalhães (conhecido por “ACM”) e o falecido Roberto Marinho foi longa. ACM era ministro das comunicações durante o surgimento da Globo, e ele próprio obteve uma das retransmissoras globais (HEIZ, 1987). Assim, a referida emissora de televisão amplia os laços de desigualdade social no Brasil, uma vez que se coliga aos opressores do povo num momento de ditadura política e de repressão dos direitos civis. E é com essa empresa que a UNESCO faz parceria.

Outra parceira da UNESCO é a Fundação Vale, subsidiada pela Vale, empresa fundada em 1997, produto da velha empresa estatal Vale do Rio Doce. A companhia surgiu da privatização da antiga estatal, vendida por R\$ 3,3 bilhões, mas segundo especialistas, foi avaliada na época em mais de R\$ 100 bilhões. Outra irregularidade seria a participação do Banco Bradesco, um dos compradores da companhia, do consórcio que avaliou a empresa e elaborou o edital do leilão (RIBEIRO-JÚNIOR, 2011).

Algumas Considerações

Esse texto analisou documentos publicados pela UNESCO e parceiros, visando compreender como esse organismo internacional lida com a questão da construção de uma cultura de paz. Percebemos que, institucionalmente, a UNESCO acredita que a paz é uma ação contínua, que permeia não apenas a escola, mas também toda a sociedade. Para a UNESCO,

a cultura de paz pode ser efetivada através de uma organização mútua entre Governo, Organizações Não Governamentais, Empresas e a sociedade civil como um todo.

Mesmo considerando o avanço social fruto de projetos como a CUFA e a EDISCA, no Ceará, apreendemos, ao menos três contradições no discurso impetrado nos documentos da UNESCO: a paradoxal relação entre a globalização econômico-cultural, que prega a homogeneização cultural, e o multiculturalismo; a ideia de que a educação ambiental deve propiciar um suposto “desenvolvimento sustentável”, o qual é impossível de ocorrer no sistema capitalista opressor; e, por fim, a parceria com as grandes empresas capitalistas, as quais são vistas pela UNESCO como importantes “parceiros” da organização, e não como produtoras de desigualdade social.

Finalmente, para haver paz, é preciso a transformação radical dos meios de produção e de distribuição de bens (SILVA, 2003). Caso contrário, persistindo a falta de discussão profunda sobre a base do sistema capitalista e o mercado, a educação para a paz continuará ocorrendo de forma tácita e acabando por disseminar a crença numa espécie de milagre de uma “pedagogia planetária” e do poder supranatural de um capitalismo “bonzinho”. Destarte, temos que ressaltar a estreita relação que existe entre a UNESCO e os bancos internacionais, como o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional, financiadores dos projetos desse órgão (SILVA, 2007). Para Silva (2003) as instituições financeiras internacionais possuem formas de intervenções e cooptação na estrutura organizacional dos países que pedem apoio financeiro, interferindo inclusive no funcionamento da escola pública, “com a finalidade de consolidar seus instrumentos produtivos, quantitativos e a cultura empresarial no sistema educacional brasileiro.” (p.285).

Referências

BUSS, Paulo Marchiori. Globalização, pobreza e saúde. *Ciênc. saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v.12, n.6, 2007. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232007000600019>>. Acesso em: 04 set. 2012.

FEITOSA, Raphael Alves; FEITOSA, Viviane Alves de Oliveira. Educação Ambiental e o Intelectual Transformador. p.271-284. In: MATOS, Kelma Socorro Alves Lopez. (Org.). *Educação ambiental e sustentabilidade III*. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

HEIZ, Daniel. *A história secreta da Rede Globo*. Porto Alegre: Tchê, 1987.

JARES, Xesús. *Educação para a paz em tempos difíceis*. São Paulo: Palas Atenas, 2007.

RIBEIRO-JÚNIOR, Amaury. *A privatária tucana*. São Paulo: Geração Editorial, 2011.

SILVA, Camilla Croso (Org.). Banco Mundial em foco: um ensaio sobre a sua atuação na educação brasileira e na da América Latina. São Paulo: Ação Educativa, 2007. Disponível em: <<http://www.bdae.org.br/dspace/handle/123456789/2348>>. Acesso em: 04 ago. 2012.

SILVA, Maria Abádia da. Do projeto político do Banco Mundial ao projeto político-pedagógico da escola pública brasileira. *Cad. CEDES*, Campinas, v.23, n.61, p.283-301, 2003.

SILVERMAN, David. *Interpretação de dados qualitativos: métodos para análise de entrevistas, textos e interações*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

SPOSITO, Marília Pontes. Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil. *Educ. Pesq.*, São Paulo, v. 27, n. 1, 2001. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1517-97022001000100007>>. Acesso em: 18 out. 2011.

UNESCO — Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura. *Mortes matadas por armas de fogo no Brasil: 1979-2003*. Brasília, junho de 2005. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001399/139949por.pdf>>. Acesso em 19 out. 2011.

_____. *Construindo saberes: referências conceituais e metodologia do Programa Abrindo Espaços — educação e cultura para a paz* organizado por Marlova Jovchelovitch Noletto. Brasília: UNESCO, Fundação Vale, 2008.

_____. *Paz, como se Faz? Semeando cultura de paz nas escolas* / Lia Diskin e Laura Gorresio Roizman (Orgs.). 4. ed. Brasília: UNESCO, Associação Palas Athena, Fundação Vale, 2008a.

_____. *Cultura de paz: da reflexão à ação; balanço da Década Internacional da Promoção da Cultura de Paz e Não Violência em Benefício das Crianças do Mundo*. Brasília: UNESCO; São Paulo: Associação Palas Athena, 2010.

_____. *The hidden crisis: armed conflict and education*. Paris — France, 2011.